

Potencial do Cerrado é quase inexplorado

José Roberto Peres

O Cerrado brasileiro, com uma área de 203 milhões de hectares, mudou muito de 20 anos para hoje. No início da década de 70, embora com bom clima e topografia, tinha um solo pobre e pouca produção. Hoje a região é responsável por 30 por cento da safra de grãos, de 40 por cento da pecuária do País. Tem uma produtividade média de 2 mil quilos de hectare de feijão (a nacional é 400), 3.100 de arroz de sequeiro (contra 1.100 da nacional) e 4.000 de soja (a brasileira é 2.000). Nele foram introduzidas e se estabeleceram culturas com as quais nenhum agricultor imaginava: tomate, alho; ervilha, soja, cevada, trigo, cenoura, grão de bico, arroz, lentilha... O resultado é maior oferta de alimentos, preços mais baixos, cultivo local de produtos que antes só chegavam de outros estados e até a exportação.

O conhecimento dos recursos naturais permitiu identificar espécies nativas para produção de fibras, energia e forragem. A distribuição irregular das chuvas, que torna a agricultura de sequeiro nos cerrados de alto risco e desmotiva o produtor rural já pode ser combatida com técnicas como a gessagem do solo, assim como o manejo e irrigação permitem alta produtividade, otimizando o uso de água, energia e fertilizantes. Já a introdução de novas forrageiras possibilita o estabelecimento de pastagens mais apropriadas para enfrentar a seca. Ao mesmo tempo, pesquisadores identificaram 120

espécies nativas que possuem potencial madeireiro, ornamental, medicinal, forrageiro, frutífero e corticeiro.

Tecnologias hoje disponíveis mas ainda não plenamente adotadas podem aumentar ainda mais o aproveitamento da região para produção agropecuária, sem expansão da fronteira agrícola. Sómente o Sistema Barreirão, que permite a recuperação da pastagem e produção simultânea de grãos pode gerar 20 milhões de hectares recuperados, produzindo 36 milhões de toneladas de arroz ou 60 milhões de toneladas de milho, que representam a produção total do Brasil hoje. Só esse sistema permitirá a criação de 140 milhões de cabeças, quase o total do que existe hoje no País. Tudo com

mais emprego, maior número de indústrias, mais produtividade e renda.

Esses resultados, que colocaram o Cerrado em uma posição de destaque na agricultura e pecuária do País, devem-se ao desenvolvimento tecnológico alcançado pelo País, e em especial pela pesquisa desenvolvida especialmente para a região. Mas os índices ainda podem ser maiores. Tudo porque hoje o Cerrado explora apenas um quarto de seu potencial. Com a tecnologia desenvolvida pelas instituições de pesquisa, é possível aumentar em dez vezes a atual produção de grãos e oleaginosas do Brasil. Em uma área menor do que a de São Paulo, é possível produzir volume equivalente a

toda a produção nacional de grãos hoje no País.

Todo esse potencial deixa claro um hiato entre o que a região possibilita e o seu aproveitamento atual. O que falta para o Cerrado cumprir integralmente seu papel e aumentar sua participação no desenvolvimento sócio-econômico do País?

Acreditamos que o novo desafio é explorar os Cerrados dentro do enfoque de desenvolvimento sustentável, com a agropecuária sendo programada de maneira integrada com o meio ambiente. Para isso, há necessidade de se conhecer melhor a oferta ambiental, com nível de profundidade suficiente para um monitoramento de todos os fatores da cadeia produtiva. Além disso, há necessidade de maior investimento em práticas conservacionistas, infra-estrutura, armazenagem, rede de escoamento e incentivo ao desenvolvimento de agroindústrias.

Os investimentos da sociedade (setor público e privado) têm que ser direcionados na profissionalização da agricultura. O resultado imediato disso seria uma mudança radical no atual panorama, com integração dos segmentos componentes da cadeia produtiva, maximizando a verticalização da produção e gerando mais alimentos e aumentando a riqueza dentro do negócio agrícola.

José Roberto Peres é diretor da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)